

ESCOLA SUPERIOR ABERTA DO BRASIL – ESAB

O AUDIOVISUAL E A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: Tecnologia a favor da educação

Emanuel de Oliveira Dias¹

Resumo

Este estudo teve o objetivo de discutir a importância da utilização audiovisual no diálogo entre orientador educacional e aluno e o impacto desta ação quando usada como estratégia de aproximação e mediadora inicial para reflexão de atitudes. Dentre os autores pesquisados para a constituição conceitual deste trabalho, Almeida (2009), Bakhtin (2003), Carvalho (1979), Delors (1999), Freire (2000), Leão (1996), Libâneo (2000), Sartori (2013), Schlemmer (2011) e Vasconcelos (2002). A **metodologia** deste trabalho foi do tipo pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, tendo como coleta de dados o levantamento bibliográfico. As conclusões mais relevantes são de que o uso do audiovisual e da linguagem não verbal no diálogo entre orientador educacional e aluno pode gerar resultados positivos e duradouros em relação a determinadas atitudes.

Palavras-chave: Orientação Educacional. Diálogo. Audiovisual.

1 Introdução

O papel do orientador educacional é fundamental no ambiente escolar como cita Grinspun (2012), o orientador educacional hoje não é um auxiliar de “alunos problemas”. Seu foco principal deve estar centrado no aluno, mas sem deixar de considerar os fatores

¹ Pós-graduando em Orientação Educacional na Escola Superior Aberta do Brasil – ESAB.
professoremanueldias@gmail.com

externos como família, professores, escola, comunidade e contexto social, ainda deve estar atento a individualidade de cada estudante.

O contexto histórico precisa ser compreendido, novas formas de ver, de ser, de agir; precisam ser incorporadas na atuação profissional do orientador, consequentemente, requer o aprimoramento dos meios que possibilitem construir conhecimentos (SARTORI, 2013).

A atualização intelectual e a utilização de novas técnicas e modo a aperfeiçoar a atuação profissional do orientador são requisitos indispensáveis para profissionais que desejam desempenhar bem seu papel nas escolas. O uso de novas tecnologias por exemplo são caminhos indispensáveis nesse processo. Porém sabe-se que quando se fala de novas tecnologias são vários espaços que o educador precisa aprender a gerenciar e integrá-los ao seu ensino” (MORAN, 2004, p.14).

A presente pesquisa busca amenizar essa ideia de medo do uso da nova tecnologia e incentivar o uso de conteúdos midiáticos, como audiovisuais, que possibilitam um diálogo não verbal e ao mesmo tempo permite o aluno pensar, criticar a aplicar as situações visualizadas (LEÃO, 1996; SCHLEMMER 2006). Apesar de não ser capaz de esgotar o tema, pressupõe-se que o projeto seja capaz de contribuir no sentido que, orientadores educacionais podem agir de modo eficiente utilizando meios não verbais para solução de problemas.

Este estudo tem como objeto discutir a importância da utilização audiovisual no diálogo entre orientador educacional e aluno e o impacto desta ação quando usada como estratégia de aproximação e mediadora inicial para reflexão de atitudes.

A **metodologia** deste trabalho foi do tipo pesquisa exploratória de abordagem qualitativa tendo como fundamentação pedagógica as teorias de Paulo Freire, Libâneo, Schlemmer, Gil, Vergara, Bazzo e Silveira.

2 Desenvolvimento

Segundo Freire (2000), nenhum professor passa por um aluno sem deixar marcas, seja ele autoritário, mal-amado, frio, burocrático ou racionalista. Acredito que podemos ir além, nenhum profissional que trabalha na educação passa por um aluno sem deixar marcas, principalmente os orientadores educacionais que possuem vínculo profissional direto com os alunos.

Aliás, podemos ainda adotar como verdadeiro o que diz Carvalho (1979), para ele todo orientador educacional é um educador. Sendo assim a função da educação é a mesma da orientação tomada em sentido amplo, ou seja, permite a tomada de consciência dos potenciais de cada indivíduo, para que ele seja capaz de escolher o seu próprio destino.

É necessário portanto que como educadores tenhamos plena consciência do nosso impacto na vida de cada aluno. Não somos transformadores de indivíduos mas podemos auxiliá-los nesse processo. O educador é capaz de orientar os alunos de modo que tenham condições de escolher seu futuro.

O papel da orientação educacional só tem sentido de existência quando se preocupa com a realização do ser individual mais do que com a realização do ser social, visto que este decorre do outro e não ao contrário (CARVALHO, 1979).

O problema é que o ser humano de modo geral busca omitir suas falhas e não reconhecer seus erros, Paulo Freire (2000), em pedagogia da autonomia, traz uma reflexão importante para essa pesquisa, questiona a capacidade de auto avaliar-se dos educadores, fala da mudança e do fazer a diferença do profissional da educação.

É necessário que estejamos abertos a novos olhares, novas ideias e principalmente a novas formas de lidar com os alunos, como vimos somos essenciais no seu processo de formação e autonomia. Estratégias mais ousadas, diferentes do ponto de vista convencional podem trazer bons resultados na atuação de qualquer educador ou pedagogo.

É necessário construir uma educação que liberta, a educação não pode ser o simples ato de reunir pessoas, e incorporar ideias e ideologias prontas. É preciso valorizar a harmonia e o diálogo (DELORS, 1999).

O dialogo sem hierarquias e autoritarismo pode resolver diversos problemas de uma determinada escola. É pautado nele que adquirimos a plena capacidade de gerir uma escola com gestão participativa. Esse processo associado ao cooperativismo de pessoas, na análise de situações, na tomada de decisões, é promotor de mudanças (LÜCK, 2008).

O profissional precisa ser capaz de resgatar valores culturais, morais, éticos, com o intuito de formar homens críticos, reflexivos que se formem agentes geradores de mudanças para que haja o avanço, e ocorra o surgimento de uma nova civilização (LIBÂNEO, 2000).

Mesmo diante da falta de valorização da profissão por algumas escolas como descreve Goldberg (1974), onde descreve em sua extensa pesquisa a atuação do orientador educacional como cuidador de alunos, monitor de recreio, secretário dentre outros.

Como o orientador educacional pode fazer uma atuação significativa ocupando de fato seus espaços nas escolas e não mais de mero monitor e/ou assessor de gestores ? Como o orientador educacional, no século tecnológico pode criar essas condições em meio grande demanda de alunos para atendimento e em muitas vezes a inexistente relação de intimidade entre orientador e aluno?

Não é possível criar respostas simples, eficazes para qualquer contexto escolar, nem é objetivo deste texto esgotar as possibilidades que poderiam auxiliar na resolução destes problemas, mas é possível discutir uma delas e avaliar seus aspectos positivos e negativos no dialogo entre orientador e aluno.

A estratégia que acredito ser pertinente nesse processo de construção da escola nova é a utilização de recursos audiovisuais. Em uma sociedade tecnológica, deparamo-nos não apenas com diferentes saberes, mas com múltiplas formas de mediação e difusão desses saberes. Nesse contexto o tempo e espaço é reorganizado (Bakhtin, 2003).

O audiovisual é o material formal no qual se processa a reflexão, nele o ser humano, cria, inventa, dá vida, a potencialidade criativa se concretiza no formato vídeo/áudio. O audiovisual seria neste sentido uma forma que pensa. Um pensamento da imagem em geral (DUBOIS, 2004).

Para Silveira e Bazzo (2009) a tecnologia tem se apresentado como o principal fator de progresso e de desenvolvimento. No paradigma econômico vigente, ela é assumida como um bem social e, juntamente com a ciência, é o meio para a agregação de valores aos mais diversos produtos, tornando-se a chave para a competitividade estratégica e para o desenvolvimento social e econômico de uma região.

Para Almeida e Silva (2011): A disseminação e uso de tecnologias digitais, marcadamente dos computadores e da internet, favoreceu o desenvolvimento de uma cultura de uso das mídias e, por conseguinte, de uma configuração social pautada num modelo digital de pensar, criar, produzir, comunicar, aprender – viver. E as tecnologias

móveis e a web 2.0, principalmente, são responsáveis por grande parte dessa nova configuração social do mundo que se entrelaça com o espaço digital (p.4).

De acordo com Zenorinie et al. (2011): São muitas as variáveis que podem interferir na motivação do estudante, o que a torna um fenômeno bastante complexo. Entre elas, destacam-se o ambiente da sala de aula, as ações do professor, os aspectos emocionais, as questões relacionadas à falta de envolvimento do aluno com situações de aprendizagem, o uso inadequado de estratégias de aprendizagem, entre outras

Porem precisamos estar atentos a real utilização deste recurso e não criar expectativas ilusórias em relação ao seu uso. Para Buckingham (2005), o audiovisual não é um buraco por onde conseguimos visualizar os acontecimentos do mundo, mas um espaço que fornece canais por meio dos quais representações e imagens do mundo são comunicadas indiretamente.

O orientador educacional deve, portanto, utilizar recursos audiovisuais, mas deve saber seleciona-los e contextualiza-los em cada dialogo. É possível mostrar um através de vídeo ou música que um aluno teve uma atitude inadequada sem que seja necessário apontar essa atitude de modo agressivo.

As escolas já possuem tecnologias como televisão, vídeo, DVD, retroprojetores, projetor de multimídia e laboratórios conectados à internet, porém “as tecnologias sozinhas não mudam a escola, mas trazem mil possibilidades de apoio ao professor e de interação com e entre os alunos” (MORAN apud MORAN, MASETO e BEHRENS, 2003).

Vídeos podem ser apresentados para grupos de alunos no início das aulas, podem criar condições motivadoras para que os alunos tenham desejo de prosseguir com os estudos. Podem estimular o respeito mútuo entre pessoas através de pequenos trechos.

Filmes de longa e curta metragem podem despertar uma identificação particular com cada aluno e promover uma ação reflexiva. Se devidamente selecionado desencadeiam uma reflexão amadurecida sobre determinadas situações no ambiente escolar, sem necessidade a apontamentos por parte do orientador educacional.

O orientador educacional ainda pode utilizar músicas e imagens que remetem a reflexão de determinados problemas no ambiente escolar. É possível utilizar músicas da preferência dos alunos e buscar nessas letras informações uteis para o contexto da discussão.

O orientador educacional pode estender o uso do audiovisual as famílias, pode manter reuniões semanais com as classes, a fim de identificar problemas, auxiliar as crianças com questões de relacionamento e estabelecer contato direto com as famílias, quando há suspeita de que a dificuldade apresentada está na casa do educando (ALMEIDA, 2009).

O audiovisual ainda pode promover um ambiente escolar fazendo com que os educandos, alunos, família e comunidade sintam-se respeitados, valorizados, incluídos e acolhidos. Para Antunes (2006) as relações interpessoais estabelecem laços sólidos nas relações humanas. Cada pessoa é, e sempre será, um verdadeiro universo de individualidades; suas ações, seus motivos, seus sentimentos constituem paradigma único.

Durante um diálogo é necessário observar as necessidades do desenvolvimento integral do aluno: física, intelectual, social, emocional, moral, vocacional e profissional, e perceber que a escola não mais atua apenas na transmissão do saber científico, mas também no desenvolvimento social e cultural de seus educandos. Aliás foi percebendo essa necessidade que surgiu o papel do orientador educacional (GIACAGLIA; PENTEADO, 2006).

O orientador ainda precisa estar atento a todo o contexto escolar, perfil dos profissionais para saber selecionar bem os arquivos e produções audiovisuais. De acordo com Vasconcelos (2002) as escolas que possuem ensino de qualidade possuem profissionais articuladores da formação integral do aluno, capaz de fazer conexões entre professores, funcionários, pais ou responsáveis, comunidade.

É necessário que seja levado em consideração no momento do diálogo com a relação humana, o olho no olho a linguagem corporal do aluno. Abraçar nosso aluno como um todo, conviver com ele, com sua família, conhecer sua realidade sociocultural nos faz muito mais que meros profissionais executores de tarefas, nos faz humanos, pois interagimos conectivamente e cognitivamente com nós mesmos, com os outros de nossa vida e com a vida de nosso mundo”. (BRANDÃO, 2005).

3 Conclusão

O trabalho do orientador educacional têm incorporado mudanças a cada dia, o perfil dos alunos atendidos diversifica a cada instante e os problemas sociais são diversos. Ainda é preciso lidar com a falta de valorização do trabalho que em muitas vezes é confundido com outras atribuições, como foi mencionado nesta pesquisa.

Ser visto como o responsável por solucionar os problemas dos alunos nas escolas é um fardo pesado demais para um profissional, porem mesmo diante destas dificuldades é preciso ser além de um bom profissional, ser, humano.

Os alunos, independente dos problemas apresentados em sala de aula e seus conflitos com a sociedade são pessoas que merecem respeito, atenção, valorização e principalmente orientação.

O orientador educacional não pode medir esforços para auxiliar esses indivíduos no processo de construção de suas identidades é por isso que novas estratégias devem ser adotadas para novos perfis de alunos.

O audiovisual tem um poder inimaginável quando bem empregado. Nem sempre a melhor forma de lidar com alunos é falando repetidas advertências e sinalizando erros, as vezes algumas músicas, imagens, filmes são capaz de despertar sentimentos tão fortes que geram impactos maiores do que esperado.

O audiovisual ainda pode ser estendido para o uso coletivo e não ser apenas restrito aos alunos, o orientador educacional pode utiliza-lo com as famílias, comunidade em geral e até mesmo com os professores, já que os mesmos estão em direto contato com os alunos. São diversas as possibilidades, sejam elas de caráter motivacional, de alerta, afetivo ou reflexivo.

Acredito que essa discussão deva ser estendida a momentos práticos, a discussão deste tema entre profissionais da orientação educacional talvez possa ampliar o campo de visão destes profissionais e possibilitar a descoberta de novas práticas e atitudes que deram certo. Talvez um canal de compartilhamento de materiais de cunho audiovisual entre profissionais da educação separados por categoria seja um início valioso.

Referências

ALMEIDA, Daniela. O mediador da escola. NOVA ESCOLA. Editora Abril. Ano XXIV. Nº220. Março de 2009. Ministério da Educação FNDE. 2009.

ALMEIDA et al. Os usos das tecnologias móveis na escola: uma nova forma de organização do trabalho pedagógico. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP – Campinas – 2007.

ANTUNES, Celso. Relações interpessoais e auto-estima: sala de aula como um espaço de crescimento integral, faz. 16. Petrópolis, RJ. Vozes, 2006.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Carlos (2005). A canção das sete cores – educando para a paz. São Paulo: Contexto.

BUCKINGHAM, D. Media education: literacy, learning and contemporary culture. Cambridge: Polity, 2005.

CARVALHO, Maria de Lourdes Ramo da Silva. A função do orientador educacional. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

DELORS, J. et al. Educação: um tesouro a descobrir. 5. ed. Portugal: ASA, 1999.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DUBOIS, P. Cinema, vídeo, Godard. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

GIACAGLIA, Lia Renata Angelini; PENTEADO, Wilma Millan Alves. Orientação Educacional na Prática: princípios, técnicas e instrumentos. 5 ed. ver. e atual. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

GOLDBERG, M.A.A (1974) Avaliação de competência no desempenho do papel de Orientador Educacional. Cadernos de Pesquisa no. 11,29-33.

GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. (org). A Prática dos Orientadores Educacionais. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LEÃO, D. M. M. Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. Dissertação (Mestrado em Educação brasileira) Universidade Federal do Ceará, 1996.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo? Cortez, 2000.

LÜCK, Heloísa. A gestão participativa na escola. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n. 12, p.13-21, Mai/Ago 2004. Quadrimestral.

SARTORI, Jerônimo. Formação do professor em serviço: Da (re) construção teórica e da ressignificação da prática. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2013.

SILVEIRA, R. M. C. F.; BAZZO, W. Ciência, tecnologia e suas relações sociais: a percepção de geradores de tecnologia e suas implicações na educação tecnológica. Ciência & Educação, v. 15, n.3, p. 681-694. 2009.

SCHLEMMER, E. O trabalho do professor e as novas tecnologias. Textual, Porto Alegre v. 1, n. 8p. 33-42, 2006. SILVA, J. M. Educação contextualizada: da teoria a prática. In: REIS, E. S.; CARVALHO, L. D. (org.). Educação Contextualizada: Fundamentos e Práticas. Juazeiro:..BA:..UNEB/DCHIII/NEPEC. 2011.

VASCONCELOS, Celso dos S. Orientação Educacional: mediação das relações e da mudança na escola. In: VASCONCELOS, Celso dos S. Coordenação do trabalho pedagógico: do projetopedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo. Libertad. 2002.

ZENORINIE et al. Motivação para aprender: relação com o desempenho de estudantes.
Paidéia, v. 21, n. 49, p. 157-164, maio – ago. 2011.